

JOSÉ CARLOS VENÂNCIO, *O facto Africano: Elementos para uma Sociologia de África, Lisboa, Editora Vega, 2000*

Adelino Torres *

Publicado em boa hora pela empreendedora Vega, este livro de José Carlos Venâncio é uma excelente síntese de alguns dos grandes problemas sociológicos, históricos e culturais que caracterizam e condicionam a situação do continente africano neste início do terceiro milénio.

O autor conseguiu, em cerca de centena e meia de páginas – o que é um exercício de não pouca dificuldade – tratar com clareza e rigor vastos painéis, desde o período pré-colonial e o significado sociológico do colonialismo, até à cooperação internacional em curso e às vivências africanas de hoje face à globalização, passando por uma caracterização do nacionalismo, suas origens e percurso no continente em geral e nas colónias portuguesas em particular.

O *Facto Africano* apresenta um quadro de referência que arruma e clarifica ideias, oferecendo um ponto de partida para melhor apreender a complexidade da situação que o continente atravessa, e dando, ao mesmo tempo, adequadas pistas de leitura necessárias a um posterior e mais desenvolvido estudo da conjuntura africana.

É importante sublinhar ainda que a exposição do autor é substanciada por um discurso assumido de esperança nos destinos do continente africano. Postura, a meu ver, realista, tanto mais bem-vinda quanto a África precisa combater, com urgência, não só o desespero nihilista do “*afropessimismo*” – que não tem o menor fundamento na sua acepção vulgar –, como também evitar de enveredar pelo beco sem saída de um “*afrocentrismo de ressentimentos*”,

* JSEG/UTL.

digamos, ambos danosos na medida em que, sob falsos pretextos, podem conduzir ao dramático impasse de uma desconexão regressiva e sem vislumbre de futuro... É imperativo que essa mensagem seja transmitida aos mais jovens.

A história africana – em particular a que ficou documentada durante as últimas décadas – registou, é certo, dificuldades, desilusões e fracassos, mas ficou também marcada por momentos de criatividade, de abnegação e de esperança que não podem ser obliterados.

O nacionalismo, com os seus defeitos e virtudes, abriu caminhos, frequentemente mal explorados, sem dúvida, enquanto os movimentos que o antecederam, como o nativismo, ou que o acompanharam durante algum tempo como o pan-africanismo e a negritude, constituíram etapas que marcaram um passado recente, num percurso mais contraditório do que um certo romantismo imaginava inicialmente.

Quando chegar o momento do balanço todos eles deverão ser avaliados no contexto que lhes deu origem. Entretanto a análise dos problemas africanos tem, antes de mais, que ser feita com os olhos postos no futuro, porque as circunstâncias históricas mudaram e o mundo se transformou, posição que o autor assume com justeza.

É verdade que, no que concerne o continente africano, muitos dos problemas de há três ou quatro décadas se mantiveram, agravando-se outros. Em várias partes do continente a vertigem da violência provocou implosões devastadoras (Somália, Libéria, Ruanda, ex-Zaire, Angola), mas tudo isso não pode levar a um julgamento peremptório, inevitavelmente parcelar, sobre todas as regiões em bloco.

Seria esquecer igualmente que a África dispõe também de poderosos trunfos, entre os quais a juventude da sua população, e a já apreciável qualificação dos seus recursos humanos (se incluirmos a diáspora africana na Europa e na América), muitos dos quais, aliás, se têm ilustrado nos mais diversos campos da literatura, da arte e da ciência. E se o número desses quadros é ainda insuficiente, é indispensável não perder de vista (facto demasiadas vezes esquecido) que também não tem comparação possível com o panorama desastroso na véspera da quase totalidade das independências, o que prova que a África, como um todo, não ficou imobilizada no tempo, ao contrário do que pretendem, por vezes, visões mais apressadas...

O aproveitamento das potencialidades, naturais e humanas, é, no entanto, um problema político e não uma mera questão técnica de duvidoso *cientismo*.

Problema de fundo que tem de ser resolvido, não apenas pela África, mas pela parceria a constituir entre esta e o mundo industrializado, quanto mais não seja porque é do interesse geral, mesmo se nem todos o compreenderam ainda.

Também muitas análises têm frequentemente ignorado um parâmetro nuclear do caso africano: a sua extrema *complexidade*. No momento das independências, nos anos 60, o que parecia estar ao alcance imediato dos obreiros do nacionalismo, mostrou-se afinal uma obra imensa e de longo fôlego, cujas causas, formas possíveis e repercussões eram dificilmente apreendidas na época. Por exemplo, a construção do Estado-nação, processo em que, com poucas excepções, o Estado antecedeu a Nação num movimento inverso ao que a Europa conheceu em séculos passados, o que colocou dilemas quase insolúveis. Equacionar a construção nacional com base num mosaico dispar de etnias, religiões, intromissões externas e tensões de toda a ordem, revelou-se uma tarefa gigantesca, perante a qual não é seguro que outros povos ou civilizações não tivessem também soçobrado em circunstâncias idênticas...

Acrescente-se, por fim, que é necessário projectar os acontecimentos numa dimensão histórica de ciclos longos, cuja duração parece bem superior, como tudo indica, ao período desde as independências até hoje. Por outras palavras, os 40 anos que, desde então, decorreram podem ser suficientes para apreciar certas políticas, mas são certamente escassos para julgar com segurança um ciclo histórico ainda no seu início.

O autor estuda a evolução africana das últimas décadas colocando o subdesenvolvimento numa perspectiva histórica e passando em revista várias teorias que de alguma maneira procuraram interpretá-lo: a teoria da articulação dos modos de produção (Rey, Meillassoux); a teoria substantivista (Karl Polanyi); a teoria atlântica (Fage, Birmingham); a teoria da dependência (W. Rodney) e a teoria do sistema-mundo (Wallerstein). Todas elas contêm elementos estimulantes de grande acuidade que, bem entendido, o autor não poderia desenvolver com maior extensão num trabalho de síntese. Julgo, no entanto – mas reconheço que é uma opinião subjectiva –, que talvez tivesse sido interessante dar mais algum destaque pelo menos a Karl Polanyi, cujos trabalhos têm sido, nos últimos tempos, objecto de estudos importantes, os quais redescobrem a obra e põem em relevo a sua actualidade nos debates sobre os fundamentos da orientação para a “globalização” neoliberal (ver a sua obra-prima: *The*

Great Transformation), um dos principais elementos teóricos que condiciona, justamente, a inserção africana na economia-mundo.

Ao analisar o “processo de orientação da África para a modernidade” o autor conjuga oportunamente o *pilar da regulação* (Estado, mercado e comunidade) com o *pilar da emancipação* constituído por vários tipos de racionalidade (estética, moral, cognitiva), abrindo caminho a abordagens sistémicas mais subtis e flexíveis – sociológicas, económicas, filosóficas e literárias - que relegam, com razão, para segundo plano, anteriores interpretações unívocas e unidisciplinares, crescentemente insatisfatórias.

Mais poderia ainda ser dito a propósito deste livro estimulante, lícido e rico de temas de reflexão que são outras tantos pontos de partida. Limitado pelo espaço, resumo *espartanamente* a conclusão: de leitura obrigatória.